



JOHN RUSKIN E O DESIGN

Ana Rita Valverde Peroba
ana.rperoba@gmail.com

Orientadora: Dra. Rosane Preciosa
Universidade Anhembi Mombi –SP

INTRODUÇÃO

Neste artigo, início das pesquisas para a realização da dissertação de Mestrado em Design na Universidade Anhembi Morumbi, (vírgula) resgatamos a figura do escritor, crítico e pensador dos mais influentes e originais do século XIX: John Ruskin. Retomamos o pensamento do início da Revolução Industrial, as questões entre trabalho, produção, criação, articulando-o com a contemporaneidade, dentro da área do Design de moda.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme afirma Cardoso (2004, p. 69), no seu livro inaugural, vírgula!!! *Modern Painters* voll., Ruskin faz uma severa crítica às bases da Revolução Industrial, que desembocaria no Movimento *Arts and Crafts* encabeçado por William Morris, seguidor e companheiro de John Ruskin.

Formado e configurado no seio dessas mudanças que levaram à primeira grande revolução dos meios produtivos que influenciaram a sociedade, o Design não pode prescindir da análise da evolução de suas conformações. (HESKETT, 1998, p. 07)

Conforme nos aponta Nikolaus Pevsner,

“Morris foi o primeiro artista (não o primeiro pensador, pois neste campo tinha sido precedido por Ruskin) a compreender até que ponto os fundamentos sociais da arte se tinham tornado frágeis e decadentes desde a época do Renascimento e, sobretudo, desde a revolução industrial.”
(PEVSNER, 2002, p. 04)

Em seu discurso, Ruskin também traz a questão da arte, ou melhor das belas artes e da criação. Ele apontava o modo de organização do trabalho como o principal fator

responsável pelas deficiências projetuais e estilísticas que, marcavam a arte, a arquitetura e o design modernos.

O combate ao mau produto, feito com baixa qualidade, produzido em larga escala, utilizando materiais que apenas imitavam as matérias-primas originais, trabalhadas para a corte e as classes mais abastadas, dividindo, fragmentando o trabalho de artesãos, apartando estes da visão do processo produtivo como um todo e relegando a trabalhadores sem habilidade, sem treino ou aptidão às funções antes exercidas pelo artesão, foi uma das bandeiras levantadas por Ruskin e por Morris.

Ruskin afirmava que “Não era o mau gosto do público consumidor que gerava a má qualidade, argumentava, mas antes a desqualificação sistemática e conseqüente exploração do trabalhador que produzia a mercadoria.” (CARDOSO, 2004, p. 69)

Aponta-nos assim que o problema da desqualificação da mão-de-obra empregada já fazia parte do sistema industrial desde os seus primórdios. Problema este que continuamos a enfrentar nos mais diversos setores produtivos até em nossos dias.

O cenário político da Europa nesta época era de ebulição. As primeiras críticas ao sistema capitalista tomavam corpo “(...) obrigando-o a contemplar a relação entre arte e arquitetura, trabalho e sociedade.” (RUSKIN, 2004, p. 14)

Como nos traz HESKETT (1998, p. 26)

“Em sua total negação da possibilidade de que produtos industriais pudessem ter valor estético, Ruskin sintetizou o forte componente de rigidez social e intelectual da Inglaterra que rejeitava as implicações abrangentes do prodígio que havia gerado.”

Outra importante discussão trazida por Ruskin, remete ao campo filosófico, onde a ética está presente. Em nossa contemporaneidade, mais do que nunca a ética embutida no desenvolvimento de novos produtos e nas apropriações por parte dos criadores de referências de outrem, bem como, na responsabilidade sobre a produção e utilização destes produtos é essencial, lidar com estas questões faz parte do processo em busca de uma sociedade mais justa. A responsabilidade de cada governo, cada nação para o bem

estar e a conservação dos patrimônios artísticos, culturais e históricos também faziam parte de suas preocupações. Ruskin atuava como difusor social e político destas idéias.

Segundo Cardoso seu posicionamento vinha “(...) preconizando o conceito de responsabilidade de cada nação para com um patrimônio cultural comum a toda a humanidade.” Ao patrimônio cultural unimos hoje o patrimônio sócio-ambiental: a conservação das espécies da flora e fauna e das sociedades humanas é tão importante quanto a conservação do local onde estas habitam. As mudanças ambientais e as evoluções culturais mudam as relações sociais, mas estas mudanças não devem trazer degradação às condições humanas, e sim melhorias, conforto e bem-estar, talvez este fosse o sonho de Ruskin. (RUSKIN,2004, p. 17)

Assim como Morris, a importância das críticas de Ruskin aos meios de produção que se estabeleciam e se solidificavam no início do século XIX foi destacada por Cardoso, quando afirma que ele “Foi (...)um dos primeiros escritores a chamar a atenção do mundo para o que viria a se tornar, no século XX, a “crise ambiental”, principalmente através do livro profético *The Storm-Cloud of Nineteenth Century* (1884). (RUSKIN, 2004, p. 8)

Destacamos ainda uma de suas fases em que seu discurso inicia um novo direcionamento das questões que envolvem o Design e a industrialização, viés, a nosso ver, em que predomina o lado social.

“[...]momento em que o autor fazia a transição de crítico ocupado exclusivamente com questões de arte e arquitetura [...], para a fase em que passou a privilegiar as grandes questões sociais de sua época – como economia, trabalho, lazer, justiça e guerra.” (RUSKIN,2004, p. 10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ser pertinente para os estudos do designer de moda o conhecimento histórico do Design, além da tomada de consciência do cunho social do trabalho exercido.

Anais do Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão. Volume 1, Número 1. Recife: Faculdade Senac PE, 2007.

Portanto, na nossa busca por uma prática Social para o Design de Moda não poderíamos deixar de citar John Ruskin, seus ideais, bem como seus princípios morais e sociais que foram difundidos e copiados pela Europa, e influenciaram grandes nomes do design em outras nacionalidades e reverbera até os nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução a história do Design*. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2ª ed., 2004.

HESKETT, John. *Desenho Industrial*. Rio de Janeiro. 2ª. Ed. Tradução Fábio Fernandes. São Paulo: José Olympio. 1998.

PEVSNER, Nikolaus. *Os pioneiros do desenho moderno de William Morris a Walter Gropius*. Tradução João Paulo Monteiro, São Paulo: Martins Fontes, 3ª Ed., 2002, pp 07-54.

RUSKIN, John. *A economia política da arte*. Tradução Rafael Cardoso. Rio de Janeiro: Record, 2004.